



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA (DHI)

Josiane Paiva dos Santos Paixão

A FUNDAÇÃO DA IGREJA PRIMITA CRISTÃ NA PERSPECTIVA
DOS ATOS DOS APÓSTOLOS

São Cristóvão
2016.2

Josiane Paiva dos Santos Paixão

**A FUNDAÇÃO DA IGREJA PRIMITA CRISTÃ NA PERSPECTIVA DOS ATOS
DOS APÓSTOLOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentada à disciplina de Prática de Pesquisa como requisito para obtenção de diploma de conclusão de curso na graduação em licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos

São Cristóvão
2016.2

Resumo

Muito se tem escrito sobre Jesus de Nazaré nos últimos anos. E isto vem de longa data, em algumas das principais obras sobre a História do Cristianismo: de Flávio Josef à Eduardo Hoornaert. No presente artigo, nossa preocupação é situar os estudos a respeito do assunto. Compreender a figura histórica de Jesus a partir dos Evangelhos e dos demais escritos em torno de sua memória. Para tanto, procuramos respeitar o distanciamento necessário que esse tipo de objeto exige. Jesus é tratado aqui como uma personagem histórica. Isto não nos impediu de apresentá-lo como divino, mas a partir de suas fontes. Aqui você vai se concentrar na análise da fundação da Igreja Cristã. Para tanto, a ênfase está posta no livro bíblico, Atos dos Apóstolos. A ideia básica é apresentar um panorama histórico fundante do Cristianismo e refletir sobre ele.

Palavras-chave: Jesus de Nazaré – Atos dos Apóstolos - Cristianismo

Summary

Much has been written about Jesus of Nazareth in recent years. And this has long been in some of the major works on the History of Christianity: from Flávio Josef to Eduardo Hoornaert. In this article, our concern is to situate studies on the subject. Understand the historical figure of Jesus from the Gospels and other writings around his memory. To do so, we try to respect the necessary distance that this type of object requires. Jesus is treated here as a historical character. This did not stop us from presenting it as divine, but from its sources. Here you will focus on the analysis of the foundation of the Christian Church. For this, the emphasis is placed in the biblical book, Acts of the Apostles. The basic idea is to present a historical overview of Christianity and reflect on it.

Keywords: Jesus of Nazareth - Acts of the Apostles - Christianity

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	06
---------------------	-----------

HISTÓRIA DO CRISTIANISMO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	07
--	-----------

JESUS, DO NAZARENO AO CRISTO	13
-------------------------------------	-----------

O CRISTIANISMO DEPOIS DE CRISTO	21
--	-----------

CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
-----------------------------	-----------

REFERÊNCIAS	32
--------------------	-----------

APRESENTAÇÃO

Passados quase dois milênios, não seria de todo exagero dizer que a religião cristã ainda congrega um significativo contingente de seguidores no mundo todo, exercendo, ainda, forte influência sobre diversas instâncias da sociedade universal. Mas nem sempre foi assim. Seu início foi tímido, tendo sido considerada uma seita. Seus adeptos eram perseguidos e muitos se tornaram mártires. Depois, foi tolerada, aceita e se transformou numa religião oficial de muitos países. Começando por Jerusalém e abrangendo todo o mundo, mesmo que de maneira diferenciada.

O termo Igreja primitiva é destinado para se referir aquela fase do cristianismo que vai do ano 30 (ressurreição de Jesus) até a convenção de Constantino. No livro *Atos dos Apóstolos*, principal fonte do presente trabalho, há muitas informações sobre a sociedade primitiva, ocultas ou nas entrelinhas, tão importantes quanto as transcritas. Revelam o modo de vida de um povo distante no tempo e geograficamente, uma cultura diversificada e os primeiros passos de uma religião que em comparação com outras é considerada nova.

Frente a esta assertiva inicial, podemos nos perguntar: são os cristãos de primeira hora os responsáveis diretos pela propagação de um novo ideário monoteísta, capaz de subverter a ordem vigente e se estabelecer ao longo dos tempos? Isto irá guiar nossas reflexões doravante, uma vez que objetiva-se compreender os primeiros momentos da Igreja Primitiva, a partir da análise dos *Atos dos Apóstolos*, destacando os principais acontecimentos que se sucederam à morte de Jesus Cristo, na perspectiva da fundação de uma nova religião monoteísta ou mesmo de ressignificação da religião judaica.

Logo, queremos fazer isto em três movimentos. A primeira parte consiste em fazer uma breve revisão bibliográfica sobre as principais obras a respeito da História do Cristianismo. Na segunda parte, pretendemos compreender a figura histórica de Jesus a partir dos Evangelhos e dos demais escritos em torno de sua memória. Por fim, na terceira parte, concentrar-se na análise da fundação da Igreja Cristã, dando ênfase ao que está posto em *Atos dos Apóstolos* e apresentando o panorama histórico fundante do Cristianismo. O presente texto, fruto de um exercício de iniciação científica, quer ser uma contribuição para uma reflexão e compreensão em torno da fundação do Cristianismo, acreditando que a religião pode dar muitas informações sobre aquela sociedade e mesmo sobre a nossa.

História do Cristianismo: uma Revisão Bibliográfica

A escrita da História não é uma escrita fácil. Requer uma investigação minuciosa, com fontes e com a observação atenta de outros historiadores que já trabalharam o tema. Isto é fundamental para uma boa escrita, pois depende de materiais específicos para a sua execução. Esta, compostas por um emaranhado de vestígios, ajudam a entender a formação de uma religião, por exemplo, e fazer uma espécie de “cronologia” com seus principais estudos a respeito da temática, em nosso caso, do Cristianismo.

A opção pelas escolhas feitas neste trabalho, escolhas bibliográficas, se justifica por sua relevância no contexto histórico da formação da comunidade cristã, entendendo que não se trata apenas de montagem, mas surge a partir de análises documentais e fontes primárias. É importante salientar que se deve buscar compreender não apenas a história do Cristianismo, mas também seu contexto histórico e as religiões que os rodeavam e/ou com ela fizeram uma interlocução ou mesmo embate, como tendeu a ser o caso em questão, sobretudo, pela novidade incômoda de seus propósitos, que resultou no assassinato de seu grande expoente: Jesus de Nazaré.

Inicialmente, queremos dar destaque a um trabalho de Sérgio da Mata, que estuda, entre outros temas, a religião e a modernidade. Em sua obra *História & Religião*, ele ressalta o papel do historiador das religiões, definindo os objetos da pesquisa histórica voltado para a religião. Para ele, a religião deve ser tratada de maneira diferenciada das outras ciências e ambas podem conviver, uma respeitando o papel da outra.

Ele, Sérgio da Mata, deixa isso claro quando assim se posiciona: “... *as verdades religiosas estão para além de qualquer demonstração científica. Está fora das possibilidades do método histórico tanto comprová-las quanto refuta-las...*” (2010, p. 51). Para ele, ainda, a religião tem várias utilidades, preenchendo todas as esferas da vida do homem.

Vejamos:

A religião nunca trata exclusivamente da “fé”, “santidade” ou “salvação”. Ela tende a ampliar seu campo de influência para as mais diversas esferas da vida, da sexualidade à política, estabelecendo ou pretendendo estabelecer a forma como os indivíduos devem agir em tal ou qual circunstância ... (MATA, 2010, p. 23).

Flávio Josefo, um contemporâneo de Jesus que viveu no meio dos judeus (era de família sacerdotal) e partilhou do Império de Romano, principalmente no governo de Vespasiano. Ele é outro autor sobre o qual nos debruçamos. Palavras dele: “... *honrou-me com o direito de cidadania romana, mandou-me dar uma pensão e nunca deixou de me demonstrar sua estima até o fim de seus dias...*” (1986, p. 15).

O testemunho de Josefo é importante, pois suas obras estão ambientadas na segunda metade do século I, e possibilita perceber o período do Império Romano, quando se desenvolveu o Cristianismo, apesar de ele não ter adentrado na nova religião. Ele apresenta informações geográficas da época e que possibilitam um melhor entendimento do contexto histórico. Elenca, ainda, dados como os nomes dos Imperadores, além dos governantes que ocuparam o cargo administrativo na Judéia. Ele pouco fala sobre os cristãos exceto quando diz:

(...) A fecundidade da missão cristã se explica em boa parte por causa deste vasto reservatório de “tementes a Deus”, no meio dos quais existia certo número de mulheres da alta sociedade (cf At 13,50); os cristãos colheram com fortuna onde o judaísmo havia semeado (cf At 13, 15). (JOSEFO, 1986, p. 41)

Em seguida, destacamos uma obra organizada por Alain Corbin na qual também tem escritos de sua autoria, intitulada *História do Cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*, da editora Martins Fontes.

Nesta obra, visa-se esclarecer as origens, desenvolvimento e consolidação do Cristianismo, deixando isto claro na seguinte passagem:

A diversidade caracteriza o cristianismo nascente, conforme as formas que adquirem as relações com o judaísmo, as relações com o mundo politeísta penetrado pelas missões aos “gentios” e a referência a Cristo nas comunidades primitivas... (CORBIN, 2009, p. 63).

A obra também mostra como se deu sua expansão, primeiramente nas regiões próximas ao Império Romano e posteriormente, atingindo todos os continentes. Ele também descreve as heresias e correntes existentes durante seu desenvolvimento e caracteriza cada uma delas. Por fim, apresenta os principais nomes e suas contribuições ao cristianismo em diferentes épocas e mostra as “ramificações” da nova religião.

Para acrescentar o conhecimento adquirido com a obra anterior, nos utilizamos das discussões contidas em outra obra homônima a anterior, *História do Cristianismo*, mas de autoria de Paul Johnson, um historiador britânico que contribuiu tanto pesquisando o cristianismo, como também os judeus.

Ele faz uma análise da formação histórica da religião cristã no Ocidente, abordando aspectos políticos e culturais. Ele caracteriza o cristianismo o como sendo uma religião essencialmente histórica que se desenvolve com o tempo e mostra em sua obra esse desenvolvimento, partindo dos judeus até atingir diferentes povos em diferentes regiões.

Em seguida, merece destaque, também, a obra *Introdução ao Cristianismo*, do alemão Joseph Ratzinger, (o Papa Emérito, Bento XVI), que na ocasião em que publicou o livro era padre. Trata-se de uma síntese do Credo, mas dialogando com diversos ambientes, autores, épocas, diferentes áreas do saber.

Serve como bússola para o cristão, a partir do Credo ele busca traçar um perfil do cristão e do cristianismo, ele também aborda a existência de um Deus único. Ele tenta em sua obra apresentar Jesus ‘o Cristo’ e o histórico.

Apesar de Ratzinger ser padre, sua obra é considerada acadêmica, pois ele faz uma pesquisa científica utilizando o método histórico-crítico, a fim de conseguir informações relevantes sobre o tema tratado.

Outra obra bastante consultada, sobretudo, pela facilidade na qual apresenta as informações é a *Cronologia da história eclesiástica: em gráficos e mapas*, de Terri Williams. Ela é relevante, pois apresenta o cristianismo em todas as fases, principalmente a primitiva em gráficos e mapas. Organizados cronologicamente, ele aponta pessoas, datas e fatos de maneira didática para o pesquisador.

É importante ressaltar que ele utiliza clássicos da história do cristianismo para produzir seus gráficos, tais como: Justo Gonzalez. Na obra ele apresenta acontecimentos políticos (este nesse momento não pode ser dissociado do religioso) como: os conflitos políticos, as primeiras perseguições e os imperadores que as fizeram, heresias, os pais da igreja, entre outras.

Com uma abordagem similar, se destaca o historiador e teólogo Justo Gonzalez, autor do livro *A Era dos Mártires: Uma história ilustrada do Cristianismo, vol.1*. Nesta obra ele aponta os principais acontecimentos com os primeiros cristãos, diferencia as principais cidades onde crescia os números de cristãos e apresenta iconografias e mapas da época com o intuito de localizar melhor o leitor no tempo e no espaço. Nessa obra também ele aponta os principais mártires e como se deu seus martírios. Trata-se de uma biografia da igreja.

Focalizando-se também nos mártires, o autor John Fox lançou *O livro dos mártires*, que trabalha a perseguição aos cristãos destacando os principais mártires do cristianismo. O livro narra a história de sofrimento e perseguição dos principais mártires cristãos, começando por Jesus Cristo até meados do século XIX. Além disso, esclarece sobre as torturas e morte de todo o povo que declarava crer no evangelho de Cristo sem importar o sexo ou a idade do perseguido. Por se tratar de uma obra detalhista dos martírios, é de fundamental importância para entender a dimensão do sofrimento e da lealdade ao Deus, e deixa claro que mesmo nas perseguições o número de fiéis sofre o oposto do esperado, ao invés de diminuir, o número de seguidores aumenta ainda mais, mesmo com risco de morte iminente.

Em *O mundo cristão: uma história global*, de Martin Marty, traça-se uma trajetória do cristianismo em todo o mundo. O autor não traz uma ideia eurocêntrica, ele aborda minuciosamente o desenvolvimento do cristianismo desde a época de Jesus e seus primeiros seguidores até a chegada ao Novo Mundo, aponta as rivalidades existentes na Instituição e entre o Estado, as dificuldades encontradas ao longo de sua trajetória principalmente em combater as heresias que se formavam ao redor da Igreja e como elas eram combatidas. Também aponta e explica as Ordens religiosas que surgiram.

Para entender o Império Romano, sua formação e sua religião, nos valem da obra *A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma*. Na qual Coulanges aborda o papel das crenças religiosas para a formação dos diferentes tipos de organização social e instituições políticas. Apresentando desde as origens mais afastadas das instituições das sociedades grega e romana, como as regras de propriedade, sucessão, e como eram reguladas pelos cultos. Ele deixa claro que cada família tinha sua crença, seus deuses e seu culto, para ele a origem da cidade também é

religiosa e a família era o centro da religião mais antiga: “ *A cidade havia sido fundada como uma religião e constituída como uma igreja...*” (COULANGES, 1975, p 182).

Complementando o assunto, utilizamos algumas questões presentes a obra de Thomas Martin, especialista em história greco-romana, *Roma Antiga: de Rômulo a Justiniano*. Nessa obra, ele faz uma retrospectiva cronológica sobre a história de Roma, de sua fundação até os anos finais do império. Ele aborda tanto a religião e política como as perseguições aos cristãos e a migração bárbara, entrelaçando história social, política, religiosa e cultural.

Outra obra que nos ajudou a entender a sociedade Romana foi *História Antiga e medieval*, de José Arruda. Nessa obra ele segue a mesma abordagem dos citados anteriormente, partindo da formação da cidade (da família, direito e religião) até o declínio do império. Ele não aborda somente Roma, apresenta outras civilizações que se desenvolveram nessa época até a Idade Média.

Para se entender a consolidação do cristianismo, foi muito significativa obra do historiador Paul Vayne: *Quando nosso mundo se tornou cristão*. Para ele, foi graças a Constantino que o cristianismo tomou força no império. Vayne busca entender a motivação dessa conversão, para ele o imperador precisava de deus grande e o cristianismo se estabelecia como religião de salvação, “*servia de anteparo ao medo da morte*” (p 17), uma organização completa e diferente do paganismo da época em que seus deuses eram individuais. Esse foi um dos motivos que levaram a aceitação do cristianismo pelo imperador, este foi importante na divulgação e na adoção do cristianismo como religião oficial do império o que se deu alguns anos mais tarde com Teodósio.

Os escritos mais recentes sobre o cristianismo são de autoria do historiador Eduardo Hoornaert intitulado *Em busca de Jesus de Nazaré: uma abordagem literária e Origens do Cristianismo*, ambos publicado em 2016. Nessas obras, ele faz uma análise dos livros bíblicos Marcos, Hebreus e as cartas paulinas, apontando o valor histórico dos textos do Novo Testamento.

Na obra *Em busca de Jesus de Nazaré: uma abordagem literária*, ele trabalha a ideia de “Movimento de Jesus” mostrando as primeiras comunidades de discípulo e de como eles desenvolveram e se organizavam apresentando as peculiaridades dos judeus e

da região. Nessa obra, Hoornaert apresenta o Jesus homem, e como as primeiras comunidades passaram da oralidade a escrita, ele fala que cerca de 97% da população nessa época era analfabeta (incluindo Jesus), os letrados encontravam-se em Jerusalém, no templo, este sendo o centro cultural, religioso, financeiro e ideológico do país. Ele fala também das tensões entre diversos grupos nas sinagogas judaicas e de como Jesus era sempre controlado em suas viagens.

Já na sua obra *Origens do Cristianismo*, ele apresenta uma abordagem semelhante à obra anterior (inclusive repete algumas informações). Hoornaert dedica boa parte do livro para falar sobre Paulo e sobre os livros apócrifos, explicando a importância de ambos para se entender essa formação do cristianismo. Para tal, ele apresenta Jesus, o camponês iletrado com sua família e posteriormente, os mestres subsequentes e suas contribuições na fundação do cristianismo.

Por fim, não poderíamos deixar de encerrar esta parte do texto, sem antes fazer uma breve reflexão sobre a religião, tomando o cuidado de não cometer anacronismos, e para tal, utilizaremos alguns autores que abordam a temática.

Iniciando com a obra de Rubem Alves *O que é Religião*, da Coleção Primeiros Passos. Aqui, ele apresenta o significado de religião através do tempo, ele faz uma abordagem que permite o leitor compreender o sentido de religião e para tal, ele cita Durkheim e Marx. O autor não apresenta uma resposta exata à pergunta que é o título do livro, dado que ele conduz o leitor a descobrir essa resposta no decorrer da leitura e para isso ele apresenta várias indagações.

Para Sérgio da Mata: “...*A questão da definição do que é religião é, com efeito, o pesadelo de todo aquele que se interessa pelas “religiões”...*” (MATA, 2010, p. 126). Muitos fazem uma interpretação errônea da palavra *religio* a partir do verbo *religare*, que remota a época de Tertuliano dizendo “... religião é aquilo capaz de religa, de estabelecer uma ponte entre deuses e homens...” mas ele fala que originalmente o sentido da palavra era escrúpulo, portanto ser religioso era manter escrúpulo em relação aos deuses, ele acrescenta que somente com o cristianismo é que a palavra toma o significado de “ligação” (p. 126).

Ainda para Mata:

A religião nunca trata exclusivamente da “fé”, “santidade” ou “salvação”. Ela tende a ampliar seu campo de influência para as mais diversas esferas da vida, da sexualidade à política, estabelecendo ou pretendendo estabelecer a forma como os indivíduos devem agir em tal ou qual circunstância... (2010, p. 23).

Já Coulanges (1975), tem a mesma percepção de Mata, ele apresenta o significado nos tempos atuais e para as civilizações antigas, mostrando que com o passar do tempo o significado muda.

...A palavra religião não significava o que significa para nós; por essa palavra entendemos certo conjunto de dogmas, uma doutrina sobre Deus, um símbolo de fé acerca dos mistérios que vivem em nós e ao nosso redentor; esse mesmo temo entre os antigos significava ritos, cerimônias, e atos de culto exterior... (p 134).

Esses autores e obras consultadas e estudadas são fundamentais para uma melhor compreensão das principais questões que levantamos em nosso trabalho, e servirá como base para as próximas páginas, mas tendo a ciência de que mesmo com todas essas leituras ainda muitas ficaram de fora, pois nos últimos tempos vários historiadores e teólogos têm se debruçado nesse tema produzindo excelentes materiais fonte de conhecimento histórico.

Jesus, do Nazareno ao Cristo.

A religião cristã ainda congrega um significativo contingente de seguidores no mundo todo, teve início de forma tímida, sendo considerada uma seita e se transformou na religião oficial de muitos países, como dissemos em nossa apresentação.

O Cristianismo nasceu no Império Romano¹, na Judéia², e se desenvolveu na cultura Greco-romana, a partir da figura de um judeu chamado *Jesus de Nazaré*. Após sua morte, seus discípulos e seus apóstolos propagaram suas ideias, inicialmente aos judeus e posterior aos “gentios” ou não-judeu.

¹ Período que inicia em 27 a.c após Otaviano vencer várias batalhas e receber do Senado o nome honorário *Augusto*. Este tomou algumas medidas ante o senado que o favoreceram e mantiveram seu poder, afastando assim da República. (Martyn, 2014, p 156).

² No seu centro encontra-se Jerusalém, a capital do império.

Os romanos serviam a vários deuses, inclusive a figura do imperador, eram politeístas; a origem da cidade é religiosa e desenvolve-se conquistando outras cidades e absorvendo e adaptando seus deuses.

Era uma religião de Estado, preocupada com virtudes civis ... a religião grega, como a romana, fora, em sua origem, uma serie de cultos urbanos, demonstrações públicas de medo, respeito e gratidão para com os deuses domésticos da cidade-estado...” (Johnson, 1928, p.15-16).

Nesse mesmo cenário, o judaísmo, sendo monoteísta, também teve espaço reservado no Império. O historiador Hoornaert explica que os judeus estavam espalhados por toda a região, não apenas no Império Romano, desde o século VI a.C, vivendo em comunidades separadas, encontrando-se apenas nas sinagogas³ semanalmente.

Diz ele: “O judaísmo atinge regiões que nem os soldados gregos de Alexandre Magno (século IV a.c.), nem os romanos do imperador Adriano (século II d.C.) alcançam. ” (HOORNAERT, 2016, p. 38). Foi nessas regiões em que houve presença de judeus que o cristianismo se desenvolveu, dentro das sinagogas, ouvindo os sacerdotes e aprendendo as Escrituras Hebraicas⁴.



Fonte: Bíblia sagrada

³ Em Grego significa reunião. Além das reuniões semanais também servia de acolhida para os necessitados.

⁴ Posteriormente chamada de Velho Testamento.

Mas, para entendermos melhor o Cristianismo é mister saber quem foi esse homem ou Deus que se fez homem que deu origem a essa religião, Jesus de Nazaré, pois essa nova religião era baseada em sua vida e em seus ensinamentos.

Vale ressaltar que foi a partir dele que se originou o cristianismo, mas ele não fundou o cristianismo, e mais, ele não foi cristão. Após sua morte, por volta dos anos 30 de nossa era é que surge “*um movimento religioso de origens proféticas e de tendências cada vez mais messiânicas*” (CORBIN, 2009, p 19).

Jesus, filho de Maria, nasceu por volta do ano 4 a.C, em Belém, indo a um recenseamento proposto por César Augusto a fim de organizar a cobrança de impostos, e como José marido de Maria era dessa cidade, foi alistar-se juntamente com ela grávida. Na ocasião completou-se os dias do menino nascer, e assim se sucedeu.

Pode-se conferir no livro de Lucas capítulo 2 como desencadeou o nascimento e os acontecimentos posteriores, inclusive que foi depositado em uma manjedoura e que foi visitado por pastores. Como são poucos os escritos que se pode encontrar daquela época, as informações acerca de Jesus são limitadas. De modo geral, sabe-se que ele falava o aramaico, cresceu em uma aldeia de mais ou menos 100 famílias onde:

(...) dispõe de um único poço de água para consumo e de um único banheiro, alimentado pela chuva armazenada numa cisterna coletiva; suas casas são compostas de cômodos de barro com tijolo, sem janelas; o espaço de moradia é dividido entre a família e os animais; vive-se uma economia de subsistência, ou seja, consome-se o que se produz no local ou numa distância não muito grande. ” (HOORNAERT 2016 b, p. 64).

O autor Hoornaert esclarece que provavelmente Jesus era analfabeto, pois nessa época 95% da população da palestina era analfabeta, os letrados encontravam-se nas sinagogas e na aldeia em que Jesus morava não havia sinagoga, sem contar também que nas sinagogas eles falavam hebraico, a elite falava grego e Jesus, como já citado, falava aramaico (2016 b, p. 62).

Esta informação de Hoornaert deixa algumas dúvidas, já que os Evangelhos de alguma forma levam a entender que Ele poderia ser alfabetizado. Como exemplo, o caso da mulher pega em ato de adultério, na qual Jesus disse que quem não tivesse pecado atirasse a primeira pedra e “*inclinando-se, escrevia com o dedo na terra*” (João 8:1-6).

A infância de Jesus não é tratada pela Bíblia nem pelos livros históricos, o que se sabe é apenas o fato de ele com 12 anos estar na sinagoga em Jerusalém conversando com os doutores da lei, (Lucas 2: 46). Após esse episódio na história de Jesus, os próximos comentários sobre ele surgem quando “*Provavelmente, em torno dos 30 anos, Jesus foi batizado no rio Jordão por um importante profeta, ... João, o Batista...*” (MARTY, 2014, p. 25). É importante ressaltar também que após essa aparição de Jesus em Jerusalém com 12 anos, a figura de José também sai de cena, não aparecendo mais nas Escrituras Sagradas.

Apesar de ser uma família patriarcal, o nome do “pai” não é muito citado nos textos, principalmente nos evangelhos. O nome de Maria está sempre referendando a figura de Jesus; sempre que se referem aos seus pais dizem: Jesus filho de Maria.

Hoornaert levanta a hipótese de Jesus ter pai desconhecido e ter sido criado junto aos filhos do carpinteiro José, portanto, filho ilegítimo (2016 a, p. 99). Na página anterior, o autor apresenta, baseado no livro de Marcos 6:3 a família do Nazareno. Pode-se observar que, por se tratar de uma família patriarcal, apenas os nomes dos homens são citados (Tiago, José, Judas e Simão) e as mulheres refere-se apenas que estavam presentes.

Para Hoornaert (2016 a, p. 98), “*Maria tem, no mínimo, sete filhos*”. Esse mesmo versículo de Marcos informa que o primogênito, como de costume para os romanos, segue a mesma profissão de José, carpinteiro. A profissão de José é confirmada por Marty (2014, p. 25), em que fala que José tinha uma carpintaria. Mas, Hoornaert alega que não se sabe seguramente se era mesmo carpinteiro, “Os vizinhos da família de Jesus dizem que o pai é um “artesão” ou “trabalhador”, ou seja, alguém que executa serviços braçais” (2016 b, p. 63).

O Nazareno nem sempre teve comportamento calmo, como qualquer criança teve seus momentos considerados difíceis pelos pais. O episódio relatado anteriormente em que ele foi encontrado no templo conversando com os doutores após desaparecer por dias é um exemplo disso. Pouco se sabe sobre essa infância, mas um fato curioso foi escrito por Tomé, no século II d.C denominado “A infância de Jesus” considerado apócrifo⁵ em que:

⁵ Obra religiosa considerada não oficial.

“... conta, com abundância, prodígios operados pela criança Jesus. Na idade entre cinco e doze anos. Os passarinhos lhe obedecem; os que o ofendem ficam cegos; os que o batem caem mortos. Ele estuda com o professor Zaqueu, mas sabe mais que o professor; ressuscita um menino; leva água num jarro quebrado; passa por dois outros professores que tampouco conseguem lhe ensinar algo novo... (HOORNAERT 2016 b, p 103).

Podemos observar também, sua preocupação com o próximo, apresentada na citação acima, era sensível ao sofrimento da população carente da região de Nazaré e do império como é o caso, por exemplo, da cura de vários doentes apresentado nos Evangelhos.

Ao mesmo tempo era calmo e reflexivo, e até mesmo impulsivo como no caso em que expulsou os vendedores do templo. Não negava ajuda aos necessitados não apenas de pão, mas também de espírito, várias vezes foi criticado por aproximar-se de cobradores de impostos, estes sempre visto com maus olhos pela população, pois representava o império e sua extorsão à população carente.

Ele não tinha um grupo específico para atuar, todos aqueles que se chegassem a ele era sempre bem recebido e até mesmo alimentados “*As refeições de Jesus com os reprovados e as mulheres de má vida proporcionam o sinal mais ferino dessa recusa de todo e qualquer particularismo*” (CORBIN, 2009, p 11). Essas refeições tornam-se também uma forma de tolerância social e religiosa, já que todos, inclusive os pagãos devem ser servidos.

Reaparecendo aos 30 anos nos evangelhos, sua missão inicia-se com seu batismo por João Batista no rio Jordão e dura 3 anos, Jesus começa a percorrer as comunidades vizinhas levando as Boas-Novas. A intenção dele não era fundar uma nova religião, nem condenar o judaísmo, veio para corrigir. E para isso deixaria muitas questões em aberto, usava parábolas e ensinava por meio de perguntas.

Jesus não ensinava por instrução direta, mas contando histórias e parábolas que desafiavam as pessoas a pensar sobre o que ele queria dizer. Portanto, era cercado de discussões animadas onde quer que fosse. (MARTIN, 2012, p 201)

A prioridade dele era indicar o caminho para a salvação, mesmo não se denominando Messias ou Filho de Deus, ele sempre fez com que deduzissem. Por onde ele andava aconteciam curas, milagres e exorcismos causando comoções e aumentando

ainda mais o número de seguidores, ele não revogava a lei dos judeus, aprimorava “...Matar sempre fora errado; mas, agora, até mesmo odiar era violar a lei divina...” (MARTY, 2014, p.28).

A maior parte de seus ensinamentos eram realizados na zona rural, posteriormente atingindo os centros urbanos. Como o número de seguidores aumentava, era necessária uma ajuda, daí a escolha de 12 pessoas do povo. Em Mateus e Marcos, encontra-se que os primeiros quatro discípulos eram pescadores, imediatamente abandonaram as suas redes e embarcações para segui-lo. (Mateus 4: 18-22 e Marcos 1: 16-20) “*Jesus se incomodava com tanta popularidade. O que ele quer mesmo é difundir no meio do povo um programa de vida capaz de solucionar em profundidade os problemas que o povo enfrenta...*” (HOORNAERT, 2016 b, p 93).

Devido à grande popularidade adquirida pelo Nazareno, e como sempre uma multidão o acompanhava, chamou a atenção das autoridades. Estas passaram a observar seus atos de perto a fim de pegar o Mestre em algum delito e temiam que ele aspirasse ao poder político, o considerava perturbador da ordem pública.

Aos ouvidos das autoridades chegavam às informações de que Jesus: “*ele transgride preceitos da lei, se mistura com gente que não presta, é um profanador da Casa de Deus, um subversivo, um sacrílego, um agitador social, um conspirador de Israel*” (HOORNAERT, 2016 b, p. 94).

Outro temor das autoridades era que ele pudesse incitar uma rebelião entre os judeus, que eram em número elevado na época, mas ele não pregava a revolta aos romanos. Um temor ainda maior das autoridades, principalmente de Herodes Agripa, do sumo sacerdote Caifás e de Pilatos, foi quando chegou aos seus ouvidos a fala de Jesus “O reino de Deus está próximo”, eles entenderam como uma ameaça iminente e começaram a tramar a sua morte juntamente com os alguns judeus com os fariseus⁶. Mas, o que eles não contavam é que o Mestre já estava ciente de que iria morrer e que não iria se opor. Ele já havia alertado seus discípulos sobre sua morte, e morte de cruz.

Para que se cumprisse ou acontecesse a morte de Jesus, um de seus discípulos o traiu e o entregou aos sacerdotes por 30 moedas de prata, Judas procurava hora oportuna para o entregar, (Mateus 26: 21-25; 14-16) sobre a sua prisão ele advertiu os discípulos

⁶ Partido judeu, exímios cumpridores da lei e inimigos de Jesus, pregava uma postura ética e uma aplicação efetiva das escrituras sagradas. Ver (GONZÁLEZ, 2011, p 18) e (Josefo, 1986, p 45)

e dirigiu-se ao Getsêmani já em Jerusalém, vindo da Galiléia por ocasião da celebração da Páscoa. Estando o Nazareno nesse jardim com 3 dos seus discípulos, aproximam-se Judas (que com um beijo o entregou) e a multidão que o vieram prender e levaram-no a casa de Caifás onde o aguardava juntamente com os anciões (o sinédrio⁷).

Tentaram fazer com que Jesus se denominasse Cristo, mas ele não o fez diretamente, respondeu “ assim o dizes” e mesmo assim foi acusado de blasfêmia, para este delito se previa a pena de morte. A motivação da morte de Jesus não era apenas religiosa, também era política. Essa condenação foi tramada de maneira ardilosa pelos sacerdotes e anciãos, pois o acusando de se denominar “Cristo” levaram a voto popular. Aproveitando que durante a festa da Páscoa era comum o governador soltar um preso, demonstrando compaixão, levaram o Cristo e Barrabás para o povo escolher qual dos dois deveriam ser solto, o povo pediu que soltassem Barrabás e crucificassem o Cristo. (Mateus 27: 11- 31) “*Os judeus não podiam efetuar execuções, assim Pilatos e Roma, portanto, cooperaram*” (MARTY, 2014, p. 31).

Portanto, Jesus não se proclamou claramente como Messias (Cristo) – quem o fez foi Pilatos ao aderir, por sua vez, à acusação dos judeus; cedendo à sua acusação, proclamou, nas três línguas universais de então, a Jesus como o Rei (Messias, Cristo) crucificado. (Ratzinger, 1970, p 163)

Os Evangelhos narram passo a passo os últimos momentos de Jesus, desde a sua entrada em Jerusalém até a sua ressurreição.

Após ter sido pregado na cruz entre dois ladrões, a morte do Messias foi considerada rápida, por vários fatores: seu sofrimento tinha começado muito antes da crucificação; ele foi obrigado a carregar a sua própria cruz (mesmo com ajuda de Simão Cirineu); o puseram uma coroa de espinhos e foi chicoteado e zombado durante todo o caminho até o calvário sendo acompanhado pela multidão, pela sua mãe e pelos discípulos. Durante seu suplicio Lucas 23 relata que acontecimentos sobrenaturais se sucederam como o sol escurecer e o véu do templo se rasgou.

⁷ Reunião do sumo sacerdote judeu com os anciãos.

A morte de Jesus, o Cristo, foi via a morte de cruz. Esta era destinada, sobretudo aos revolucionários ou criminosos de pior espécie. “*A crucificação, que significava que o condenado era amarrado ou pregado a uma cruz e exposto às intempéries e aos insultos das multidões, eram uma forma comum de punição capital entre os romanos*” (MARTY, 2014, pg 30).

O Evangelho de Marcos capítulo 15: 42-47 fala que após sua morte, um senador chamado José de Arimatéia foi até Pilatos e pediu o corpo de Cristo, que o concedeu e envolto em tecidos finos o depositou em um sepulcro com uma pedra na porta. Mateus 27: 64 fala que o local foi guardado por soldados com medo de o roubarem, já que, o Messias havia predito que ao terceiro dia o ressuscitaria.

Os sacerdotes e fariseus tinham medo de que roubassem seu corpo e dissessem que ele havia ressuscitado. O capítulo seguinte de Mateus narra que após um terremoto, a pedra do túmulo se moveu e o Cristo ressuscitou. Logo, iam as mulheres o visitar no túmulo e um anjo as encontram e ordena que elas voltem e anunciem que o Cristo ressuscitou de entre os mortos, no caminho elas encontram o Cristo e abraçando o adoraram.

Esse fato chamou a atenção dos fariseus e sacerdotes que pagando os soldados ordenaram que dissessem que roubaram seu corpo do sepulcro a noite, e todos os judeus acreditaram, exceto os discípulos e amigos de Jesus. Como o Messias havia ordenado as mulheres, todos foram o encontrar na Galiléia.

A Cruz era símbolo, não de suplício, mas de vitória, ... A Paixão e a morte de Cristo não estavam continuamente diante dos olhos do cristão; não era a vítima expiatória, o sacrifício do Crucificado sobre o Calvário que fazia conversões, mas o triunfo do Ressuscitado sobre a morte (VAYNE, 2011, p. 18).

Após essa aparição Jesus ordena que os discípulos devem ir ensinar todas as nações, batizando-as e ensinando-os a guardas todas as coisas que ele ordenara, pois Ele estaria com os discípulos até a consumação dos séculos. (Mateus 28: 16- 20).

O Cristianismo depois de Cristo.

Após a ressurreição do Messias, ele ordenou aos seus discípulos, levar as Boas Novas a todos, e esteve com eles na terra ainda por quarenta dias, após desapareceu nas nuvens. Após esse episódio os discípulos voltaram a Jerusalém a fim de aguardar o cumprimento do que Cristo havia lhes dito, cerca de 120 pessoas de nacionalidades diversas e línguas diferentes estavam aguardando o que seria o Pentecostes narrado em *Atos dos Apóstolos*, capítulo 2, na Bíblia sagrada.

Este livro foi endereçado a Teófilo, fazendo um relato completo dos primórdios do cristianismo e seu desenvolvimento nos primeiros trinta anos partindo de Jerusalém até Roma. O livro contém 28 capítulos e foi escrito cerca de 63 d.C. (portanto, 33 anos após a morte do Messias) e tendo como provável escritor Lucas, o médico e discípulo. Nele Lucas menciona 32 países, 54 cidades, 9 ilhas Mediterrânea, 95 pessoas diferentes e vários funcionários do governo com seus títulos. Atos dos apóstolos desempenha um papel de ligação entre os Evangelhos⁸ e as Epístolas de Paulo⁹.

Esta obra que está contida na Bíblia cristã, trata-se de uma versão que narra os fatos históricos acerca do surgimento do cristianismo e de seu desenvolvimento. A Bíblia, apesar de milenar, não pode ser considerada como verdade absoluta, por vários motivos. Primeiro, foi manipulada por diversas pessoas até chegar aos dias atuais, não se deve esquecer que foi escrito outra língua e traduzido séculos depois por religiosos, em uma época totalmente diferente da que foi escrita, e de certa forma influencia na tradução.

Outro fato é que, todos os livros da Bíblia foram escritos em momentos diferentes, em materiais e línguas distintas e que passaram por uma seleção na qual vários livros foram excluídos dessa seleção como é o caso dos livros apócrifos de Judas, de Tomé, entre outros. Outro ponto é que diversos livros foram escritos anos após o episódio narrado e por pessoas que não presenciaram o fato, podendo haver distorções.

⁸ Quatro primeiros livros do Novo Testamento –NT– Mateus, Marcos, Lucas e João.

⁹ Romanos, I Coríntios, II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I Tessalonicenses, II Tessalonicenses, I Timóteo, II Timóteo, Tito e Filémon.

Em uma observação minuciosa do livro de Atos dos apóstolos pode-se perceber alguns temas importantes destacados:

- 1- A igreja- revela a origem do poder da igreja e da sua missão norteando todas as gerações;
- 2- O Espírito Santo- a terceira pessoa da Trindade (incluindo Pai e Filho), proporciona ousadia, temor a Deus, sabedoria e direção.
- 3- Mensagens da Igreja Primitiva- relata os ensinamentos de Pedro, Estevão, Paulo, entre outros; não encontrado nos outros livros do NT.
- 4- Oração- os primeiros cristãos se dedicavam a oração, as vezes duravam a noite inteira.
- 5- Sinais e milagres- sempre acompanhavam a proclamação do evangelho.
- 6- Perseguição- se originou na oposição religiosa, no meio do império romano.
- 7- Judeus/ gentios- o evangelho inicialmente era levado aos judeus e com o crescimento dos seguidores também alcançou os gentios.
- 8- Triunfo- o cristianismo rompeu com toda e qualquer barreira que pudesse deter a proclamação do evangelho, seja ela territorial, cultural ou racial. O evangelho superou até a perseguição e o Império.

No livro de Atos está descrito os primeiros passos para a formação da igreja. González (1995, p 35) cita que os dirigentes da igreja primitiva eram os doze discípulos e que os principais eram Pedro e João. Os dois são confirmados como os pilares por Paulo em Gálatas 2:9 na qual Tiago o irmão de Jesus seria o terceiro pilar mesmo não sendo discípulo, Tiago também veio a ser o chefe da igreja em Jerusalém. Já Corbin (2009, p 77) narra que os discípulos juntamente com Tiago e Matias constituem os pilares. Posteriormente surgem as comunidades que Paulo cria com o colegiado, os *epískopoi*¹⁰ ou *diákonoi*¹¹, ainda no livro de Atos aparece os *presbýteroi*. Corbin continua falando que nessa época essas funções são difíceis de precisar e que ao longo do tempo continua sendo usado para designar funções na igreja cristã. A organização básica dos trabalhos nas sinagogas estava dividida dessa forma:

(...) reunião uma vez por semana e festas que se repetem ano por ano. A celebração alterna orações fixas, leituras, exortações e salmos. Há o batismo, os cuidados com os velhos e doentes, o conselho dos anciões... contato

¹⁰ Vigias, inspetores.

¹¹ Servidores.

regular com novas comunidades, discussões sobre eventuais heresias e ajuda financeira.... (HOORNAERT, 2016 b, p. 41)

A maioria, se não todas as decisões relevantes que a comunidade cristã tinha que tomar era feita por meio de reuniões com os discípulos e anciões do templo. A primeira assembleia que Atos 15 relata, ocorre devido algumas divergências acerca da circuncisão. Paulo se dirige a Jerusalém para consultar a comunidade de discípulos e anciões sobre como proceder com os novos cristãos incircuncisos. Esse Concílio de Jerusalém ocorreu provavelmente em 49 e: *“foi o primeiro ato político na história do cristianismo e o ponto inicial a partir de que podemos procurar reconstruir a natureza da doutrina de Jesus, bem como as origens da religião e da igreja”* (JOHNSON, 2001, p. 11) GONZÁLEZ (1986, p.32) fala que Pedro tinha dúvidas de como proceder com os gentios.

Esse episódio já apresenta o Cristianismo com corpo organizado, com regras e em pleno desenvolvimento, abrangendo judeus e gentios com mesmas regras a serem seguidas apesar de Johnson (2001, p 58) falar que esse Concílio teria sido um fracasso, pois não teria dado muito certo na prática.

Houve alguns discípulos ou apóstolos que tiveram papel importante na difusão e consolidação do cristianismo. Os mais notórios são Pedro e Paulo e ambos tiveram grande participação na divulgação das ideias de Cristo, mesmo Paulo não tendo o encontrado pessoalmente. Da mesma forma, estes tiveram ajuda de diversas outras pessoas pouco conhecidas e que a história não apresenta muitas informações, apenas o nome e seu curto envolvimento com os cristãos, como é o caso de Barnabé, Silas e Estevão.

Simão Pedro foi um discípulo muito próximo de Jesus e estava presente nos principais acontecimentos na vida e morte de Cristo, como por exemplo ele estava com o Mestre quando os soldados foram buscar no Getsêmani devido a traição de Judas, inclusive cortou a orelha do servo do sumo sacerdote Malco com uma espada (João 18:10) Pedro também o seguiu até o sinédrio, acompanhou todo seu julgamento e o negou três vezes como o Cristo o havia alertado, após a ressurreição foi um dos primeiros a chegar ao sepulcro e comprovar o fato.

Pedro era filho de Jonas e nasceu em Betsaida, o apóstolo André era seu irmão e o apóstolo Filipe veio da mesma cidade. Era pescador e se estabeleceu em Cafarnaum,

onde vivia com sua sogra (Mateus 8,14, Lucas 4,38). Jesus anuncia a mudança de nome, de Simão para Cefas que é traduzido Petros. Ele era um homem zeloso e seguia o mestre com entusiasmo, embora muitas vezes se deixasse influenciar por fatores externos e se mostra fraco diante das dificuldades.

Existe o apócrifo *Atos de Pedro* escrito provavelmente entre 180 e 190 d.C, nesse livro Pedro realiza vários milagres. Hoornaert (2016 b, p. 113) descreve que esses Atos apresentam um impasse que ocorreu entre Pedro e um falso profeta chamado Simão Mago. Este queria provar que também poderia subir aos céus como Jesus, só que ele caiu e morreu. Esses atos também trazem relatos da morte do discípulo.

Foi condenado a morte e crucificado de cabeça para baixo em Roma no governo de Nero durante sua grande perseguição, este assumiu o poder em outubro do ano 54 d.C. Em 64 a cidade de Roma foi consumida por um grande incêndio, que durou seis dias e sete noites e os cristãos foram acusados de incendiar a cidade. Com isso, Nero começa a perseguir os cristãos e estes convencem Pedro a fugir, daí ocorre uma história muito citada e conhecida por *Quo Vadis?*, este que inspirou Henryk Sienkiewicz a escrever um romance de mesmo nome e dela foram produzidos dois filmes.

Pedro, ante a insistência deles, foi finalmente persuadido e se dispôs a fugir. Porém, chegando até a porta viu o Senhor Cristo acudindo a ele e, adorando-o, lhe disse: "Senhor, aonde vais?" ao que ele respondeu: "A ser de novo crucificado". Com isto, Pedro, percebendo que se referia a seu próprio sofrimento, voltou à cidade. Jerônimo diz que foi crucificado cabeça para abaixo, com os pés para cima, a petição dele, porque era, disse, indigno de ser crucificado da mesma forma que seu Senhor (Fox, 2013, p. 4).

Esse acontecimento é confirmado como sendo de Pedro também pela obra "Quo Vadis?" Esse episódio narrado acima é citado erroneamente por Hornaert em sua obra *Origens do Cristianismo*, ele fala que o acontecimento citado acima aconteceu com Paulo e não com Pedro.

Paulo é aconselhado pela comunidade a fugir de Roma para não ser preso. Mas, quando passa pela porta da cidade, se defronta com Jesus, que entra. "Para onde você vai?" ("Quo Vadis?"), pergunta Paulo. Ao que Jesus responde: "Para ser crucificado". Arrependido, Paulo regressa à cidade e é decapitado (HOORNAERT, 2016, p. 112).

Outra personagem importante na história do cristianismo foi Paulo de Tarso. Tornou-se um dos principais difusores do Cristianismo, principalmente entre os gentios. Paulo era um judeu da Dispersão, um israelita circuncidado da tribo de Benjamin, e membro do partido dos Fariseus (Rm 11:1; Fp 3:5; At 23:6). Nasceu em Tarso, na Cilícia, território atual da Turquia, seu nome romano era Saulo e não há informações sobre sua infância, não se sabe se ele cresce em Tarso ou em Jerusalém, ele já aparece na história como perseguidor de cristãos. Ele foi educado em Jerusalém por Gamaliel, era grande conhecedor da cultura grega, falava o aramaico, herdeiro da tradição do farisaísmo, estrito observador da Lei. (Gl 1:14; Fp 3:5,6).

Um fato muito importante sobre a vida de Paulo é que ele possuía a cidadania romana, esse detalhe fazia toda a diferença no ministério que o mesmo iria desenvolver como uma das principais figuras do cristianismo. A cidadania romana dava-lhe alguns privilégios que seriam imprescindíveis na hora em que seria preso por ser cristão. A cidadania romana foi determinante inclusive na sua morte porque os romanos não podiam ser condenados a morte de cruz.

O livro dos Atos dos apóstolos a partir do capítulo 9 começa a falar de Saulo/Paulo, inicialmente de sua conversão no caminho de Damasco e posteriormente sobre seus feitos exercendo a nova fé. É importante ressaltar que agora o evangelho começa ser levado para fora da Palestina iniciando com judeus gregos que havia se tornado cristão e aumentando muito o número de gentios que seguiam a nova religião: *“Paulo foi portanto um dos primeiros a integrar a totalidade do espaço controlado por Roma e o universalismo do Império, o que o levou a conceber progressivamente a universalidade da Igreja”* (CORBIN 2009, p 26)

No livro apócrifo *“Atos de Paulo”* datado provavelmente de 166 d.C descreve sua aparência física sendo *“...um homem pequeno com uma grande cabeça careca. Suas pernas eram curvas, mas seu porte era nobre. Suas sobrancelhas eram bem unidas e ele tinha um grande nariz...”* (JOHNSON 2001, p. 12)

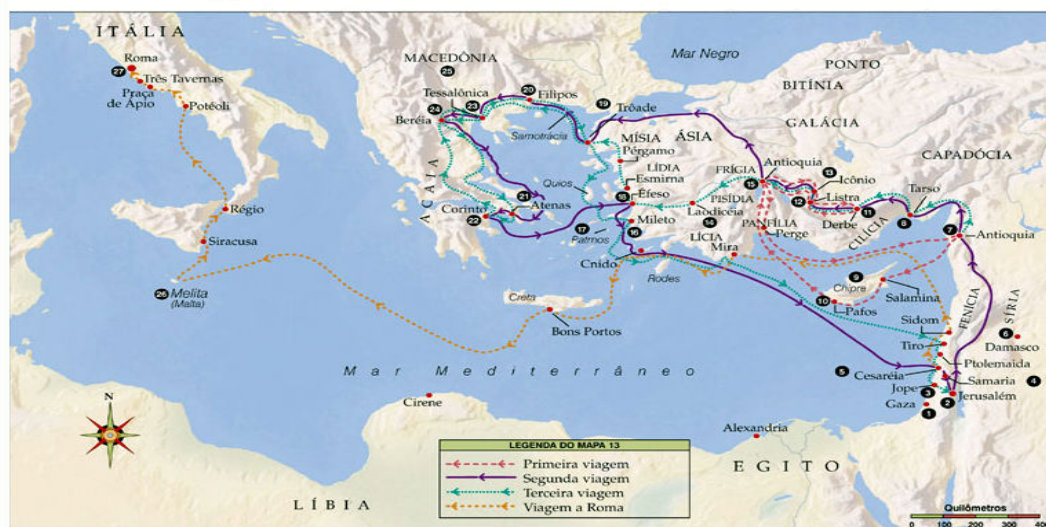
Hoornaert (2016 b, p. 33-34) escreve que o primeiro contato que Paulo teve com os cristãos foi por volta do ano 35 e que os primeiros escritos do NT foram quatro cartas de autoria dele por volta dos anos 50 que são: Primeira Tessalonicenses, primeira Coríntios, Gálatas e Romanos. O historiador relata que Paulo escreve com metáforas denominadas *“Metáforas Paulinas”* onde, por exemplo, quando ele escreve *“carne”*,

quer dizer “fraqueza”, quando escreve “restauração do templo” quer dizer “restauração da relação com Deus”.

Paulo como um dos principais divulgadores do cristianismo o fez num período de dez anos, principalmente em quatro províncias do Império Romano: Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia, pois se tratava dos maiores centros populacionais e alcançando inclusive as áreas rurais, mas pregava preferencialmente nas sinagogas. Empreendeu três viagens missionárias:

- 1- A primeira viagem missionária de Paulo (At 13:1-14:28): deve ter ocorrido por volta de 44 e 50 d.C. partindo de Antioquia (o lugar em que foram chamados de cristãos pela primeira vez) e concentrando na Ilha de Chipre e na parte sudeste da província romana da Galácia, contando com o apoio de Barnabé.
- 2- A segunda viagem missionária de Paulo (At 15:36-18:22): ocorreu por volta de 50 e 54 d.C e tinha um propósito de visitar os irmãos por todas as cidades em que já haviam anunciado o Evangelho, dessa vez conta com a companhia de Silas e Timóteo. Esta viagem demorou muito mais tempo que a primeira, pois estando em Corinto se demorou e outro motivo foi o aprisionamento de Paulo e Silas.
- 3- A terceira viagem missionária de Paulo (At 18:23-21:16): entre 54 e 58 d.C. Paulo passou por diversas cidades em direção a Ásia até chegar em Éfeso, Macedônia e Grécia.

As Viagens missionárias de Paulo



Com essas viagens missionárias o apóstolo Paulo se consolida como sendo o principal evangelizador dos tempos da igreja primitiva abrangendo boa parte do Mediterrâneo falando para judeus e gentios inicialmente e posteriormente revisitando os lugares passados anteriormente para saber como andava a obra iniciada. No entanto, sua missão não se resumiu apenas a essas viagens. A parte final do livro de Atos do Apóstolos Lucas relata a volta de Paulo a Roma e de como ocorreu sua captura, julgamento perante o sinédrio e a apelação para César, já que era cidadão romano.

Nessa sua trajetória como missionário o apóstolo passou por várias dificuldades, como cita Hoornaert (2016 b, p. 38) “Ele enfrentou sofrimentos, perseguições, privações sem fim, sempre identificado com Jesus, o “Ungido” ele continua a escrever baseado em 2 Coríntios 11, 24-29:

(...) viagens, aprisionamentos, flagelações (39 golpes), um apedrejamento, risco de morte, naufrágios (três vezes), perigos de rios, de trovões, de meu povo, de outros, na cidade, no deserto, no mar, por parte dos falsos irmãos; fadiga e labuta, frequentes noites em claro, fome e sede, jejuar frequentemente, ter frio, ficar nu, sem contar minha inquietude cotidiana: o cuidado com todas as congregações.

Atos dos Apóstolos termina dizendo que Paulo chegou a Roma após ter ficado dois anos preso por Félix e ter apelado por César prevendo que seria julgado e este seria desfavorável a ele. O livro não apresenta sua morte, acaba de maneira inesperada

deixando a dúvida de onde e como ele teria morrido. Todavia, outras obras o complementa apresentando o fim da vida do apóstolo, como é o caso do livro de Fox “*O livro dos mártires*” relatando que Paulo padeceu no governo de Nero, ele relata:

Diz Obadias que quando se dispus sua execução, Nero enviou dois de seus cavaleiros, Ferega e Partêmio, para que lhe dessem a notícia de que ia ser morto. Ao chegarem a Paulo, que estava instruindo o povo, pediram-lhe que orasse por eles, para que eles acreditassem. Ele disse-lhe que em breve acreditariam e seriam batizados diante de seu sepulcro. Feito isso, os soldados chegaram e o tiraram da cidade para o lugar das execuções, onde, depois de ter orado, deu seu pescoço à espada. (Fox 2013, p 5)

O ano provável da morte do apóstolo foi 66 ou 67d.C. Tiveram várias outras pessoas que contribuíram para o avanço do cristianismo, pessoas como Tiago (o irmão de Jesus), Tiago (filho de Zebedeu), João e Estevão por exemplo. Este último, era um dos sete diáconos e foi o primeiro mártir da história do cristianismo, foi arrastado para fora da cidade e apedrejado poucos anos depois da morte de Jesus porque “*pregou o evangelho aos assassinos de cristo*” (Fox 2013, p. 2). O diácono foi levado ao Sinédrio sob a acusação de falar contra a Lei, o que agita a população judia contra ele e culmina na sua morte. Com ela, há uma grande debandada de cristãos, eles fogem devido à perseguição que a morte de Estevão desencadeia.

É importante ressaltar que esta perseguição relatada em *Atos dos Apóstolos* 7:54-60 foi apenas a primeira perseguição aos cristãos. No governo de Nero, como citado anteriormente, também teve outra grande perseguição, e não ficou por aí, tiveram outras tantas até a época de Constantino (272-337).

A perseguição sob o governo de Nero em 67d.C. ocorreu depois que o próprio ordenou que incendiassem Roma e como foi censurado pela ordem que deu, acusou os cristãos de terem feito tal ato usando de grande crueldade contra as vítimas.

(...) fez com que alguns fossem costurados em peles de animais selvagens e lançados aos cães para serem destroçados. Outros, com as vestes encharcadas de cera inflamável, foram atados a postes de seu jardim particular, onde lhes atearam fogo para que ardesse como tochas de iluminação” (Fox 2013, p. 8).

Após o episódio do incêndio de Roma, a perseguição não cessou, agora ocorria pelo simples fato de serem cristãos e por serem acusados de cometerem absurdos como sacrifício de crianças, canibalismo e promiscuidade sexual. (Martin 2014, p 207) uma religião completamente diferente das que os romanos estavam habituados, inclusive o judaísmo. Outro ponto importante que causou desagrado aos romanos foi o fato de os cristãos não adorarem o imperador, nem aos seus deuses chegando a serem acusados de ateus, já que seu Deus não tinha forma. Também era negativo o fato de que não faziam parte do estado: “(...) *os cristãos deviam restringir ao mínimo seus contatos com o estado: recusar-se a servir ao exército, no serviço civil ou mesmo nas escolas estatais...*” (JOHNSON 2001, p. 63).

Na verdade, eles eram punidos pelo que eram e não pelo que faziam e mesmo assim o número de cristãos só aumentava. Há controvérsias sobre a real dimensão dessa perseguição que ocorreu com Nero. Fox (2013, p 7) fala que “Esta perseguição foi geral por todo o Império Romano” já González (1986, p 57) cita que “*é muito provável que a perseguição, embora muito cruel, tenha sido local e não se estendesse às províncias do império*”.

Nero publica um Editto na qual torna legal a perseguição aos cristãos, contudo, o número de cristãos só aumentava consideravelmente. Chamava a atenção dos romanos o fato desses cristãos morrerem cantando, ou em alguns casos, até mesmo se entregarem para o martírio. Mesmo após o suicídio de Nero e de Roma passar por uma grande instabilidade política, seu editto não foi revogado, isso não quer dizer que os cristãos tenham sido martirizados o tempo todo. Houve períodos de trégua mesmo com a lei em vigor, na qual a perseguição retomava quando um cidadão romano denunciava alguém por professar a nova religião.

Até a oficialização do cristianismo com Teodósio houve diversas períodos de grande perseguição: no governo de Domiciano em 81 d.C; com Trajano em 108; outra com Marco Aurélio em 162; sob Severo em 192; sob Maximino em 235; outra sob Décio em 249; uma outra em 257 com Valeriano; outra, com Aureliano em 274 e outra com Diocleciano em 303, somando um total de dez grandes perseguições até a oficialização. Sobre isso Corbin relata como ocorreu em 392 após a lei de 08 de novembro que proíbe práticas pagãs por todo o império, onde:

Todos os sacrifícios, inclusive os modestos sacrifícios do culto doméstico, são desautorizados, seja em público, seja em particular, seja qual for o nível social, sob pena de multas pesadíssimas e até de punição mais graves. Essa lei é que faz do cristianismo a religião do Império, já que a religião tradicional perdeu todo direito legal de se exprimir: com Teodósio...o Império Romano tornou-se *oficialmente* cristão. (Corbin 2009, p 53)

Outro fato importante que o livro de *Atos dos Apóstolos* relata é que algumas mulheres também tiveram grande participação no cristianismo, as Cartas Paulinas confirmam a participação delas, algumas juntamente com seu marido e outras separadamente. No judaísmo a mulher ocupa um papel de submissão em relação ao homem, elas usam sempre o véu para encobrir o cabelo, Coulanges (1975, p. 69) afirma que mesmo as pagãs eram inferiorizadas “*A religião não coloca a mulher em posição tão elevada.*” Já Hoornaert (2016 b, p. 169) diz que reinava um machismo doentio e degradante nessa época.

Partindo para os romanos a situação da mulher não era muito diferente, continuavam sempre sendo submissas. Os primeiros deuses romanos e gregos eram sempre seus ancestrais, restritamente homens, às mulheres apenas cabia à obrigação de zeladora do lar e de não permitir que o fogo sagrado se apagasse, elas eram excluídas até dos testamentos e dos estudos a partir dos doze anos de idade. Em *Atos* mostra que as mulheres mesmo realizando serviços domésticos foram importantes na propagação do evangelho, elas cedem suas casas para reuniões (At 12,12-16), hospedam missionários (At 16: 12-14) e confeccionam roupas (At 9: 33-39) ainda encontra-se nesse livro relatos de mulheres dirigindo comunidades (At 18: 26-27) e manifestando-se em reuniões (21:9). Martin (2014 p 212) relata a o desacordo existente entre os líderes da igreja acerca da função que a mulher deve desempenhar. “*Nas primeiras congregações, a mulher tinha posição de liderança... Porém, quando os bispos começaram a ser escolhidos, as mulheres eram geralmente relegadas a posições inferiores*” (MARTIN, 2014 p. 212).

O fato é que as mulheres foram cruciais nas obras sociais. *Atos dos Apóstolos* no capítulo 4: 32-37 Lucas escreve que tudo que os seguidores de Cristo possuíam eram divididos com todos pelos apóstolos. Johnson (2001, p 48) fala que a distribuição das obras de caridade provocou discordância entre os líderes. Lucas relata que a Judeia

passou por período de muita fome e que outras regiões ajudaram a suprir a necessidade desses irmãos. (At 11:27-30).

O livro de Atos dos Apóstolos é imprescindível para entender os primeiros passos que essa religião trilhou, contudo, não é o suficiente para entender amplamente. É necessário compara-lo e complementa-lo com outros autores que com pesquisas apresenta novas versões ou novos fatos não presentes neste livro, e mesmo assim não é desconsiderada toda informação que ele contém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a formação histórica de uma nova religião nunca é um trabalho fácil. É deveras difícil reconstruir o que foi a vida de Jesus de Nazaré e dos primeiros cristãos, pois poucas evidências sobreviveram ao tempo. Contudo, as fontes utilizadas dão pistas importantes para a sua compreensão e tem despertado novos estudos.

Esse artigo procurou entender se seriam os cristãos de primeira hora os responsáveis diretos pela propagação de um novo ideário monoteísta, capaz de subverter a ordem vigente e se estabelecer ao longo dos tempos.

A análise das fontes juntamente com outras obras historiográficas nos permitiu afirmar que sim. Que o Cristianismo mesmo em um meio politeísta, se apresentou a partir das pregações de Jesus de Nazaré como uma oposição à religião oficial de Roma, mas, sobretudo, aos preceitos da religião judaica.

Todavia, foi de fundamental importância a participação ou colaboração dos apóstolos de Jesus de Nazaré após sua morte, para disseminar essa nova religião monoteísta com uma nova perspectiva religiosa que mesmo em meio a perseguição e martírio rompeu as fronteiras do império romano atingindo não apenas judeus mas também os gentios.

REFERÊNCIAS

FONTE:

Bíblia de Estudo Pentecostal Antigo e Novo Testamento. Tradução ALMEIDA, João Ferreira de. Editora: CPAD, 1995.

Bíblia Thompson. Compilador THOMPSON, Frank Charles. Tradução ALMEIDA, João Ferreira de. São Paulo. Ed. Vida, 2014.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. **O que é religião.** São Paulo, Ed. Brasiliense, 1981.

CESARÉIA, Eusébio de. **História eclesiástica.** São Paulo. Ed. Novo Século, 2002.

CHAPPIN, Marcel. **Introdução à história da Igreja.** São Paulo: Loyola, 1999.

CHESTERTON, G.K. **O Homem Eterno.** Trad. Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

CORBIN, Alain. **História do Cristianismo: para compreender melhor nosso tempo.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma.** 12. ed. São Paulo, Ed. Hemus, 1975.

FABRIS, Rinaldo. **Os Atos dos apóstolos.** São Paulo. Ed. Loyola, 1991.

FOXÉ, John. **O Livro dos Mártires.** São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

GONZÁLEZ, Justo L. **História Ilustrada do Cristianismo.** v.1: A Era dos Mártires até A Era dos Sonhos Frustrados. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HUME, Davis. **História natural da religião.** Tradução: Jaimir Conte. São Paulo, Ed. UNESP, 2015.

HOOENAERT, Eduardo. **Em busca de Jesus de Nazaré: uma análise literária.** São Paulo, Ed. Paulus, 2016.

_____. **Origens do Cristianismo.** São Paulo, , Ed. Paulus, 2016.

JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo.** Rio de Janeiro: Imago, 2001.

JOSEFO, Flávio. **Uma testemunha do tempo dos apóstolos.** São Paulo, Ed. Paulus. 1986.

MARTIN, Thomas R. **Roma Antiga: de Rômulo a Justiniano.** Tradução Iuri Abreu. Editora L&PM, Porto Alegre, 2014.

MARTY, Martin. **O mundo cristão: uma história global;** Tradução de Daniel Estill. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2014.

MATA, Sergio da. **História & Religião.** Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2010.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o símbolo apostólico.** Tradução de José Wisniewski Filho. São Paulo. Ed. Herder. 1970.

_____. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição.** São Paulo, Ed, planeta, 2011.

SIENKIEWICZ, Henryk. **Quo vadis?.** Europa: Grafica Europam, 1974. 346 p.

VEYNE, Paul. **Acreditavam os gregos em seus mitos?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394].** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

WILLIAMS, Terri. **Cronologia da História Eclesiástica: em gráficos e mapas.** São Paulo: Vida Nova, 1993.